



Alexandre Gaioto

Não há
DEZEMBRO
neste breu

Biblioteca 
Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior
Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi
Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital
Omar Godoy

Jurados | Poesia
Guilherme Gontijo Flores
Sandra Stroparo

Preparação editorial
João Lucas Dusi

Revisão
Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação
Thapcom.com

Ilustrações e capas
Cantalupo

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Martins, Alexandre Gaioto

Não há dezanbro neste breu [livro eletrônico]/ Alexandre
Gaioto Martins. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020.
113 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria poesia”
ISBN 978-65-89223-01-6 (e-book)
PDF

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)
869.1

NÃO HÁ DEZEMBRO NESTE BREU

Alexandre Gaioto



nascimento

não nasci das ondas do mar não nasci do sopro da brisa
este fogo que bombeia minhas veias
tem outro nascimento
em local ignorado
em dia desconhecido
o calor me tomou nos braços muito cedo
(meus dedos cheirando a pólvora nasceram antes de mim)
acendendo tochas na fogueira do verbo
entoando assustadoras cantigas de ninar
não nasci do sopro da brisa não nasci das ondas do mar



cenário

há um cheiro forte de gás
o choro estridente de um bebê
um cachorro uivando em agonia
e ninguém para abrir a porta

há um humorista
para estrear o repertório
com microfone em mãos
e nenhuma piada para contar

há uma condenação injusta
aplaudida pela multidão
nas lanchonetes nos botecos nos postos de gasolina
e ninguém para se opor

há uma bíblia empoeirada
no excerto de lázaro
rodeada por uma mosca
e ninguém para velar o corpo

há um sobrado na zona sul
com vinhos espumantes
garçons devidamente trajados
e nenhum motivo para comemorar

há uma fila de caixões
organizada em ordem alfabética
e por data de nascimento
e ninguém para enterrar os mortos

há pianistas flautistas
violoncelistas violinistas
partituras de bach brahms beethoven
e nenhum instrumento no palco

há uma corda um aperto
cada vez mais firme
sufocando a respiração
e ninguém para aliviar a dor

há uma rebelião
no presídio da capital
com dezenas de agentes presos reféns
e ninguém para negociar a rendição

há vinte e três ministros
mais de cinco mil municípios
vinte e sete governadores
e nenhum presidente

e nenhum presidente
e nenhum presidente
e nenhum presidente
e nenhum presidente



por quê?

por que o inverno interminável ameaça devastar os cravos
[que resistem bravamente em meu
peito?
por que o batalhão de sábios hesita em caminhar com
[passos firmes para a morte?
por que a criança com a voz ensanguentada abre os braços
[no meio da rodovia sob a
tempestade de fuzis?
por que a plateia delira neste circo em que dezoito
[elefantes e meia dúzia de assassinos
combatem uns aos outros?
por que uma mãe se interroga com um bebê no colo
[ambos nus banhados em lágrimas à beira
do rio de sangue?
por que não existe alguém disposto a apagar o incêndio
[que se alastra sobre a cidade?
por que a coragem que no fundo é medo não se esconde
[nem se rejeita na cegueira das trevas?
por que nesta praça dezenas de órfãos de olhos
[esbugalhados assistem a esperança ser
decapitada?
por que há homens consternados que perderam a honra
[à espera da glória e homens que
perderam a glória medusados pela honra?
por que esta luz turva e difusa trepida no assoalho deste
[sótão em que me escondo noite e dia?



não cale seus ouvidos

corrupto e decadente
ele ordena o nosso café da manhã
ordena o que será da nossa saúde
e o futuro da nossa horta no quintal
não percebe?

você não tosse não bebe não fuma
mistura cerimoniosamente a manteiga com mel na torrada
orgulhoso bate palmas às cenouras cebolas aos ramos
[de alecrim tomilho

depois assina documentos
despacha ordens
verbais ou por escrito
pensando em como é vasto o mundo
cogita a china os hermanos argentinos
as tantas possibilidades de expansão comercial
às dez da noite
dentes já escovados
você bebe seu chá inglês
antes de seguir para a cama

nada vai mal
como poderia?

você abandonou a leitura dos jornais
seus funcionários nunca organizaram uma greve
a empresa segue lucrando cada vez mais
sua esposa anda à cavalo e está alegre
prepara com louvor o bacalhau nos almoços dominicais

nada vai mal
como poderia?

veja a cidade
a tempestade arruinou as plantações
fora dos muros da sua propriedade
não há bacalhau nem chá inglês
apenas o perfume da pólvora
não cale seus ouvidos
derrube os tijolos
incendeie as prisões
este frio é o mesmo que nos arrepia
contando os minutos na antecâmara da morte



contradições

você escapa sem remorsos
 nas fugas da palavra e do peito
 está aqui mas nem sempre
 não deveria não
 deveria sim ser assim
 coleciona centenas de contradições
 exibindo-as em temporadas no soturno museu de seu sótão
 paredes que despertam risos do único visitante
 e velam o sono dos guardas inúteis responsáveis pela
 [segurança do acervo

vozes
 (há quantas eternidades?)
 se engalfinham com ânsia nas tuas gengivas
 (é possível no museu ouvir excertos desses áudios nas
 [instalações que ocupam as salas 17 a 89])
 vozes ressoam enquanto você rói o que te sobra dos dedos
 (você já roeu todo o seu passado em contradições)
 atordoado
 dispara palavras sem remorsos
 e se ninguém se ofende
 e se ninguém se opõe
 enfurecido
 sangra
 e declara guerra a si mesmo



o mar está morto

tive o poder de salvar almas
absolvi dúzias de pecadores
reintegrei órgãos aos mutilados
só não andei sobre as águas
porque os mares secaram
há séculos
o mar está morto
e os rios
as cachoeiras
e seus afluentes
são buracos ornados pelos corpos
em avançado estado de decomposição
restos de carne devorados por larvas moscas
que se devoram uns aos outros na acidez da tragédia
tive o poder é verdade
de trazer todos de volta
inclusive a mim
mas nada fiz
a não ser seguir em frente
tropeçando nas catacumbas escancaradas



o jantar

publicitários e políticos brindam omissões em taças de
[cristal
não se importam com os litros de sangue jorrados das
[orquídeas
manchando a piscina olímpica
inundando o piso do salão principal

garçons discretos e uniformizados se aproximam
equilibram bandejas servem ratos porcos pulhas
cada drinque é um trampolim para mergulhar em
[contradições

não há luz
(propositalmente)
poucos minutos antes do início da refeição
quando os ponteiros marcam nove horas
explosões vermelhas ferem o céu
revelando o apetite grotesco da escuridão profunda



os mortos

mortos anotam meu pedido no fast-food
entregam-me senhas
apontam-me o fim de outras filas
e chamam pelos próximos mortos

mortos se aglomeram na agência do trabalhador
não importa se um ciclone ameaça levar tudo abaixo ou
[acima
(incluindo o próprio prédio da agência do trabalhador)
não se importam com a chuva os mortos sob a marquise

mortos discutem no trânsito
xingam-se nos cruzamentos em alta velocidade
estapeiam-se na faixa de pedestre abandonando motos
[automóveis
para brigar basta estar morto

mortos suplicam moedas nos semáforos
misérias de dentes me saúdam acenando lenços negros
no desembarque deste navio banhado de águas mortas



por curiosidade

a angústia das noites do fim de agosto já destróçou os
[galhos da sua árvore selvática?
a melancolia que cochila em seus livros não te comove
[com as causas perdidas?
onde se refugiaram as grandes esperanças que certa noite
[vislumbramos sob a acidez da névoa?
seus passos nunca tropeçam no itinerário de fuligem à
[beira desta rodovia deserta?
as revoltas que testemunhamos
(repare bem à nossa volta)
não têm o mesmo silêncio que emana
(force um pouco a memória)
do panteão entre as tumbas de hugo e dumas?
afinal de contas quantos corpos
(veja à nossa volta)
são necessários para uma vala coletiva?
e quantas valas coletivas
são necessárias para uma tragédia?
(não é preciso forçar a vista)
por acaso você se lembra
onde seus pais abandonaram o guarda-chuva que os
[salvaram da tempestade?
por acaso você se lembra
da sensação de ser um forasteiro na rua de seu próprio
[nascimento
sem dinheiro feliz com quarto-cozinha-banheiro
os três únicos aposentos que compõem o seu minúsculo
[apartamento?
e por acaso você se lembra
do eco das risadas nas tardes

em que os cavalos trotavam livremente
e não ameaçavam
e não violentavam
e não pisoteavam a gente?



coquetel

tenho poetas vivos nas minhas paredes
tossindo tuberculosas épicas sobre batalhas perdidas
quem
(se eu encontrasse)
na legião de mutilados me impediria?

as portas do comércio foram fechadas
as entradas de prédios e garagens estão protegidas
ouço estrondos de véspera de ano-novo
mas não há dezembro neste breu
e as vozes berradas não são de festas nem de alegria

tenho justificativas derramadas no lençol
e sotaques refugiados nas sarjetas
meu coração é uma garrafa de coca-cola
riscando
candentemente
o céu esfumaçado
devastando em gasolina e caos
o que houver abaixo ao lado



reflexos

no amargo da manhã
não há ninguém aqui
você levanta porque é o que resta
mesmo sem espelhos
(todos os espelhos se mudaram às pressas)
uma sombra no azulejo te sorri

seus cabelos caíram
seus olhos secaram
sua voz enfraqueceu
sua pele murchou
seus dentes desistiram
de roer contradições
(que diabos aconteceu?)

seu pulso
ainda resiste
diferente do seu peito
onde
cada vez mais lentos
silenciam os batimentos
(aquelas coisas que nunca tive
no fundo nunca tiveram tanta importância)

importantes sim
as suas piadas
suas viagens
suas risadas
suas virgens
suas páginas viradas de êxtase e vertigem
(as explosões das revoltas não começaram
exatamente aqui?)

você sente o chumbo árido gelando os punhos
este calafrio que assombra sem aviso prévio
atordoados você corre à janela
já não se importa em deixar para sempre a torneira aberta



alternativa

posso deitar aqui
braços abertos
cabelo ainda molhado
ouvindo tão perto as explosões
que se arrastam pela noite
feito dezenas de batalhões
no descampado de estrelas
relâmpagos escarpelando trovões
raios duelando entre nuvens tão baixas
que quase é possível tocá-las
se houvesse fuzis
ao menos espadas
talvez eu não cogitasse
deitar neste chão gelado



fraternal

de nada adiantam as linhas de sêneca sobre a ira
e daí que sócrates não revidou o coiceteador?
a minha face jamais sorrirá ao segundo golpe
ofereça a sua quando bem quiser se isso te trazer paz
não para mim não
como diabos ser fraterno se o ódio é eterno?



dez mandamentos

o início é o verbo
não importa se escrito ou pronunciado
ele sempre é tentador

sons hipnóticos como os mosaicos das melodias de philip
[glass
essa ladainha musical remexendo pontes e precipícios
enquanto te empurra delicadamente ao perigoso ápice
(não ouça!)

quando o verbo surge no papel
na sedução das palavras
essas incontáveis cobras serpentando em cabeças
ciciando para cegar suas vítimas
(jamais olhe!)

resista às coxas
(esse maldito impulso)
recuse os decotes
(ainda que te sequem a boca)
negue se te aproximarem os lábios
(sobretudo os lábios!)

não ostente sua lança de ferro
não arremesse
(para ferir nem matar)
seu arredondado escudo de bronze
não provoque com as esporas o cavalo que te sustenta no
[lombo
você já conquistou cidades
acercou-se de ilhas

sangrou em batalhas consideradas perdidas
os ferimentos no peito estão aí para provar
mas não será agora
não retire a pesada armadura que protege seus ossos
não exiba os passados das cicatrizes dos ventos do sul
de nada adianta sua farta barba
se ao discutir com um idiota
você se torna um idiota



fogo pálido

tenho ombros largos e nenhum discípulo
derrubo o sangue de mártires sobre os precipícios
ignoro os mitos os ritos
deitado na relva como se fosse possível
prorrogar a vida em meio aos besouros
aos poucos a muralha ruindo em lama
à noite as nuvens urrando em desconhecidos idiomas
minha alma não se agarra a saudades do passado
os gritos neste fogo
por essência pálido
queimam conscientes
de que nunca haverá algo
como amanhã



missa solene

assovio as partituras desafinadas da decadência
marcando o ritmo com os pés
creio que estou fora do tempo
(os demais não desconfiam)
rangendo a madeira ressecada de cupins

as paredes emboloradas e o que resta
do veludo bordô das cadeiras
chicoteiam minha rinite
não espirraria tanto
nem tanto me coçaria
se ao menos os ventiladores
soprassem melodias

o maestro está bêbado e senil
parece pincelar estranhos países e manadas de pássaros
mas pelo menos está em pé
e a batuta ricocheteia pelo ar

a gorda senhora nas frisas
ela que não se cuide
já beberam sua taça de champagne
já roubaram seus brincos de pérolas marroquinas
o colar de esmeraldas foi disputado por um político de
[centro-esquerda

um fazendeiro do norte
dois quarentões neonazistas
e uma jovem estudante
até o momento ninguém ainda descobriu
no mindinho direito
o pequeno anel com pingente de diamante

bruto
o miúdo rapaz do oboé interrompe o solo
confusos
três outros oboístas improvisam dissonâncias entre si
sem hesitar
uma voz estridente afirma na terceira fileira da plateia
[que não é nada francês mas sim bach

empurro pela plateia meu corpo
bravo!
são muitos braços
bravíssimo!
incontáveis mãos
bravo!
bocas dispostas a me estraçalhar como os rústicos deuses
bravíssimo!
afasto constrangido três rosas despencando de alguém
[que chora
bravo!
as lágrimas que não me tocam são as que mais me
[comovem
bravíssimo!
dois padres franciscanos estão há dezessete minutos
[trancados juntos no banheiro
bravo!
alguém encontrou meu filho de sete anos indaga uma
[mãe em desespero
bravíssimo!
o maestro levita imponente sem jamais abrir os olhos
bravíssimo!
todos os ingressos estão esgotados para o próximo concerto



o muro

dividimos a mesma rua
e somos tão solitários
o que nos separa
não é esta janela
nem o dialeto
(imagino que seja o mesmo porque
nestas terras não andam estrangeiros)
também não é o gorro que te protege do frio
esse frio que não sinto porque vem cultivado em minhas
[veias

o que nos separa
é este muro alto com arames farpados
sob monitoramento de soldados
capaz de eletrocutar e carbonizar
quem tentar romper a solidão



chamados e escolhidos

anatomistas escarpelam os cadáveres dos escolhidos
lançam luz sobre os ossos
músculos veias esôfagos artérias
observam
argumentam durante horas
e admitem
por fim
indignados
que não há qualquer diferença
entre os cadáveres dos chamados



nel mezzo del camin

estes holerites que me sangram
este chão que me repele sem justificativas
estas brisas que me incendeiam à beira-mar
esta algazarra que me vela
este governo que nunca reconheci

esta lareira que envelhece os homens
este jardim que apodrece ao meio-dia
esta quarentena que se arrasta há mil noites
estes assassinos que me arrancam bocejos
esta nuvem que desaba dizendo não

são cortes profundos
onde esfrego sal
para que seus dedos nunca se percam
nas cordilheiras destas cicatrizes

são labirintos claustrofóbicos
em desertos de areias venenosas
que meus pés prosseguem determinados
enquanto me aproximo de ti



saudades

já não é necessário caminhar de cabeça baixa
abrir a porta desta quitinete como quem pede perdão não
as plantas selvagemmente caladas acenam interrogações
aguardam que eu dê detalhes e motivos
felizmente não demonstram nervosismo
quando balbucio míseras saudades

você era minha sinfonia meu oceano
minha tragédia meu endereço minha claustrofobia
era o perfume que eu soterrava diariamente com pedra
[e suor
o bosque amanhecido na névoa de domingo era também
minha constelação particular e secreta acima das plêiades

você era minha algazarra meu sangue ainda quente
meu outono minha vila escorrendo dos lábios
minha agonia à beira da longa estrada do interior

era o fogo devastando cidades desertas nesse mesmo
[interior

ignorem o tempo a lógica o cosmos
abram as celas de todos os condenados
abandonem os jornais os hospitais
e antes de tudo urgentemente as escolas
de que importa afinal a oscilação da cotação do petróleo
[no banco mundial
se você não estará aqui?



estas noites

a sinfonia soprada pelas pedras do adriático antes do
[naufrágio do poeta
tem a mesma melodia das travessias entre sua nuca e os
[tornozelos

o seu cóccix eclipsado parcialmente pela lua cheia imita
[a melancolia
(não o desejo) da terra vermelha desta praça deserta onde
[enterro meu corpo

os lobos rodeando este quintal à beira da piscina
[abandonada
lembram seus braços à caça do lençol na luta vã pela
[eternidade da noite

os apelos das primeiras taças de vinho quebradas têm
[menos sede do que as suas gargantas
(levo meses a retirar um a um os cristais fincados no seu
[último outono)

o seu pijama azul-marinho que arranco com estas cáries
[de frustrações conjugais
cobrem sua pele que encharco com as labaredas desta
[língua ressuscitada

nas suas costas sussurram enigmas insolúveis às
[perguntas que nunca farei
cego pelo tremeluzir dos seus olhos que jamais se apagam



amanhã

amanhã foi explícito
e de vez em quando
aumentou o som do propósito
para que o vizinho não desconfie
que estou chorando compulsivamente
amanhã foi eterno
guardo todos os detalhes
sou capaz de reproduzir
durante as próximas quatro décadas assoviando
cada acorde emitido pelos seus ombros
amanhã foi lírico
e nunca nenhum perdão será permitido



homem corroído

sou um homem corroído
as micoses corroeram a sola de meus pés algumas unhas
[com menos intensidade minha virilha
as verrugas corroem meus joelhos alguns dedos
(isso desde que tenho dedos e joelhos)
este emprego que suporto das oito às oito
enquanto me obrigam a trabalhar além da jornada
[combinada
e não me remuneraram as duas
(às vezes até três)
horas extras
diariamente
corrói minhas energias

o dinheiro correu muitos conhecidos amigos parentes
[vizinhos
mas não a mim
porque quando o dinheiro se apresentou
dizendo a que viria
e de que forma
já me encontrou corroído

quando ouço ao acaso
numa conversa de bar
na fila do banco
alguém criticando os corroídos
rompo o misantrópico silêncio que cultivo no minúsculo
[jardim de minha solidão
incendeio as ruínas que resistem ao tempo no bolso desta
[camisa puída
para defender

justificar
não é raro que me olhem espantados nessas ocasiões
raro é que respondam que sim
que reconheçam
que admitam
que também são homens corroídos

a igreja nos meus primeiros anos
bem que se esforçou em corroer meus sábados e domingos
mas deus nem desconfiava
nem desconfiavam aqueles santos toscos e disformes
que aquele garoto de dentes cerrados aos hinos
[entediantes e de fácil assimilação
muito discretamente
já corroía as madeiras dos assentos das últimas fileiras
[da catedral

as noites de literatura corroeram meu estômago
que corroeram minhas gastrites
que corroeram minha raquítica saúde
pouco sobrando aos vermes
que em assembleia deliberaram
e se recusaram a corroer o que me restou



indispensáveis

o beijo que nunca dei na garota que nunca me quis no
[colégio que sempre detestei
o choro dos doze apóstolos de aleijadinho num sábado
[chuvoso em congonhas
o café ruim mas barato que ofereciam nos intervalos das
[aulas da uem
o perfume de azeite e martini no corpo de minha mãe nos
[almoços dominicais
os sorrisos que me escaparam tão jovem na frente da roda
[de bicicleta do duchamp
as tardes e manhãs que meu pai me levava no colo para
[contemplar pequenos aviões de
controle remoto roçando o sol de são paulo
o pedido de desculpas de um amigo de infância sete anos
[após a desavença
o azedinho do alho cru que meu avô fatiava sentado à
[mesa com um canivete
as lágrimas que derrubei diante das quatro mulheres de
[modigliani
a fotografia em que abraço meu irmão que abraça um
[extraterrestre de tamanho real
construído por nós
as cinquenta e quatro pequenas estrelas que cintilam
[entre seu pescoço e seu ombro direito
e o fim de tarde em que você me disse
(não com a língua mas com os olhos)
o que não seria possível mencionar aqui



autorretrato

meus olhos ásperos desconfiam
vinte e quatro horas por dia
da próxima emboscada
não se deslumbram com sopro do vento
que pode na próxima esquina
cessar

as unhas me nascem dos lábios
porque há alguns anos resolvi dar aulas
atrofiei minhas cordas vocais diante de alunos
tão infelizes quanto eu
por isso estes passos roufenhos
a miséria das frases não ditas
esta incapacidade de assoviar verdi

fui explorado
negaram meu salário
fui assediado
moralmente
contraí dívidas
(nunca recuperei o dinheiro)
contraí doenças
(recorri ao sus)
contraí paixões
(delas nunca me recuperei)
mudei de cidades
(sem jamais pertencer a nenhuma)
suportei no braço as agruras de dickens
(disseram-me certa vez que isso era viver)

lamento um pouco minha baixa estatura

(sobretudo pelas brigas perdidas na infância perdida)
mesmo beethoven medindo um metro e sessenta e dois
mesmo mozart medindo um metro e sessenta e três
infelizmente nunca aprendi a tocar piano

sou uma pessoa triste que não sabe dançar valsa
que não vê graça no saramago nos filmes no teatro
que não gosta de festas juninas julhinas de casamento de
[aniversário
que não se ilude com a fantasia do deus da salvação
que sempre ignora a hora de ir embora do bar
que não tem histórias doces nem engraçadas
um triste naufragando em antidepressivos
alguém que nunca solta suspiros no mar



o horror

durante alguns anos
dei aula para adultos
gastei minha voz
paciência
minha saúde
tive pesadelos
tive traumas
a cabeça latejava arrependimentos
elaborando planos para dois ou três assassinatos
e concluí que aquilo era o inferno

anos depois desempregado e sem opções
dei aula para crianças
gastei minha voz
paciência
minha saúde
tive pesadelos
tive traumas
a cabeça latejava tanto
que era impossível elaborar planos para tantos
[assassinatos]



doze motivos

porque te encontrei neste bairro de trabalhadores que
[desaprenderam a dormir
porque a distância aumenta com a estiagem das lágrimas
porque de nada servem as lições que rasurei no mármore
[da juventude
porque este trigo ceifado de névoa e umidade é tão desolador
[quanto o cristo oco no para-brisado caminhão incendiado
porque este samba batucando em seus olhos é uma legião
[atordoadada no deserto
porque o sol só se espreguiça no quintal de seus cigarros
porque me revolta esta liberdade dos ratos ao seu lado
porque me afasto desta cidade petrificada pelas lavas da
[ignorância
porque não alimento os cupins que devoram a sua porta
porque recuso a cigana que sorri e me convida com o
[indicador
porque a felicidade despenca cedo ou tarde do trapézio
porque você não atravessa minha ponte tingida de musgos



confissões

atravessei
(talvez você não saiba)
o tempo da ignorância
o cheiro acre dos fantasmas
o bacanal do silêncio
o tempo de ter filhos
os arrependimentos do inverno
a dissonância das mariposas
a piscina olímpica de frustrações
o tempo do deslumbramento dos jardins artificiais
e o tempo de se arrepender de ter filhos

enfrentei
(talvez você não se lembre)
o endereço das lágrimas
o sangue que escorre das pedras
a velhice do medo
os bocejos das repartições públicas
a brutalidade dos prédios
o otimismo dos ingênuos
as vertigens dos tetos que voam
e as explosões das revoltas

aceitei
(talvez você nem desconfie)
algumas desculpas pornográficas
a mutilação das amizades
o afago a contragosto
a vergonha de fazer a coisa certa
a alegria depressiva dos supermercados
e os convites tentadores dos demônios

que me assediam noite e dia
nesta rua aparentemente sem saída
dos meus trinta e dois anos de idade



rotina

há noites que atravesso abraçado ao seu nome
não por medo mas por necessidade
porque na maioria das vezes amargo
na boca um gosto estranho do passado

há tardes em que um pássaro me visita e me irrita
não é um corvo nem diz palavras misteriosas
às vezes demonstra dúvidas se voa ou se fica
na janela indecisões se amontoam à minha vista

então eu me sento
e escrevo cartas de consolação
(para mim mesmo? para você? para o pássaro?)
que mais tarde arremesso
nas embocaduras do rio bravo
afogando o verbo vagarosamente
a correnteza evita assim tudo o que é aborrecedor



quitinete I

não tenho as suítes nem a piscina olímpica de gatsby
para decorar com vinhos e licores europeus
os acordes da sua risada
enquanto contempla nas paredes
e nos corredores imensos branquíssimos
as dezenas de telas do barroco ao abstrato
essa coleção de instantes que representamos
sem saber
diante das pinceladas invisíveis da memória



quitinete II

como você pode ver
não acumulo moedas de ouro no pequeno baú em meu
[quarto
(tem certeza que não quer abri-lo?
uma pessoa certa vez ousou abri-lo
e sete litros de sangue jorraram de seus olhos)
enterrei há alguns anos minha ganância na poeira desta
[poltrona
na lápide ali ao lado
mais especificamente debaixo da pia do banheiro
se engalfinham alguns pecados que fariam Lúcifer corar
(e quando sinto o cheiro deles me alimento de gás da
[cozinha e da chama de cem isqueiros)



quitinete III

as duas únicas janelas
a do banheiro
e a do quarto
não revelam montanhas nem cachoeiras
também não revelam prédios modernos ou antigos
casebres terreiros campo de futebol crianças ao longe
[empinando pipa
nada disso
o agudo estridente do grito dos papéis
espalhados sobre os poucos cômodos
é tudo o que vejo
das duas janelas que me refletem
alardeando o ápice da próxima peste



quitinete IV

nesta quitinete não cabem muitas coisas
esta cama
porque é obrigatório dormir
este fogão
porque é obrigatório comer
uns uniformes
obrigatórios para trabalhar
e estes livros
muitos livros
romances
contos
poemas
ensaios
porque é urgente sonhar



o sabor

estes dias de água e pouco pão
também são bons
é necessário
querida
provar o ruim



na areia

a areia branca
não encobre frustrações
por mais largos e profundos que sejam os buracos
(mãos de sete mundos podem cavá-los noite e dia)
esta água salgada
devasta tudo pela frente
ao sangrar de minhas pálpebras áridas



naturezas

you prepara estranhas oferendas
galinhas peixes mortos
para brama indra vishnu
acende velas dezenas delas
com cheiros de mato hibiscos levemente açucarados
cítricos de erva cidreira

you veleja rios bravios
sobe e desce cordilheiras
não há um pássaro em rasante que ignore seu perfume
todos os peixes debaixo da água cantam seu nome

you pinta o rosto com sumo de urucum
alcança uma planta colhe o fruto
saboreia-o encostada à árvore
não se assusta com os sons que surgem à noite a um
[palmo de distância
à floresta selvagem you é minha oferenda



gravidades

nossos braços se enlaçam nas montanhas e no mar
deitados no teto sobre este afresco
macio seco ainda quente
(surpreendentemente quente)
efeito das lâmpadas do candelabro dourado
por isso tomamos todo o cuidado
com pés e pernas alheios
nossos corpos pairam sobre todas as regras
ignorando o regimento o manual das leis dos animais
sem pretensão nem arrependimentos
importando-se apenas com os próximos segundos



pedra branca

depois das cervejas você não parecia tão triste
por isso não me opus à ideia de subirmos à pedra branca
tomamos um café forte antes de encarar a estrada
o sol tatuando desfiladeiros de nuvens no seu braço
nos pastos distantes dezenas de vacas caladas
você assoviando os protestos do zeca afonso
quase trinta minutos entre motoristas imprudentes
então avistamos a pequena estrada de terra à direita
subíamos cedendo passagem aos motociclistas que desciam
subíamos cedendo passagem aos automóveis que desciam
e lá do alto finalmente contemplamos há mil metros o sol
[que descia
refestelando-se atrás dos morros na vastidão de silêncios
[da mata virgem
exércitos de eucaliptos e gado sob a taça das araucárias
[cheia de pássaros dourados
nero sorridente você se deliciava com o pôr do sol ateando
[fogo ao campo
e as cinzas e a escuridão engolindo pacientemente
os morros
a mata virgem
os eucaliptos
as araucárias
o gado
nosso último riso
nosso carro
você e eu



três sombras

três sombras barram minha passagem
à noite ao retornar do mercado
encaram-me lado a lado nesta rua mal iluminada
a névoa riscando o breu não parece incomodá-las
têm as mãos rente ao corpo como quem empunha algo
escondido sob as velhas mantas negras que as envolvem
[da cabeça aos pés]

guardo calado que me anunciem se serei rei
que rei convidei para jantar em casa me pergunto
reviro memórias afoito feito o vira-lata rosnando na esquina
e concluo
mirando o estranho trio
que talvez não seja o caso
afinal nunca recebi qualquer visita
então não haverá banho de sangue
aparentemente

quem me condenou?
por quais motivos cumprio tão dura pena?
sinto que escutam meus pensamentos
ainda que os lábios neguem à névoa quaisquer verbos
sinto que não me detestam
porque sem gestos bruscos me espreitam
como a um camundongo
(ou será a mesma ternura que antecede a armadilha?)

é tarde
não vejo mais o cachorro na esquina
o trio se aproxima em passos sincronizados
sem pressa

em silêncio
enquanto aguardo
rendido à neblina



a pedra

tinha uma pedra à minha frente
não era a enigmática pedra do drummond
não era seca como a pedra do joão cabral
nem feliz como a pedra da senhora dickinson
inerte não rolava feito a pedra do dylan
uma pedra nem feia nem bonita
achei pouco provável inclusive
que alguém esfregasse aquela pedra
em suas partes íntimas
tal como esfregou a personagem (cujo nome não lembro)
[do sciar]

ou
que chupasse aquela pedra
ritualisticamente
guardando-a no bolso
feito molloy do becket

uma pedra apática
chutada pelas crianças
mijada pelos cachorros
uma pedra do interior
sem feitos notáveis
é por isso
justamente por isso
que mudei de ideia



só danço savall

eu que não danço
de repente comecei a dançar
se é que podemos chamar aquilo de dança
sozinho no centro da cozinha
à espera da água para o chá
não me contive com a viola da gamba e a pandeirola catalã
[de savall

cruzei terras e um oceano sem abrir os olhos
abraçado à moça espanhola
num vestido decotado rosa azul africano cubista
sentados ao balcão numa taverna de tapas
ríamos sangria
bebíamos poesia
às vezes líamos nossos passados tão diferentes sem
[tristeza nem alegria

enquanto as velas escorriam melancolicamente nas mesas
ao lado turistas elogiavam as curvas de gaudí
alguém perguntava ao garçom se era verdade que goya
[bebia aqui

os toques cadenciados do tambor de seus dedos
rufando compassos barrocos em minhas pernas debaixo
[da toalha

acrescentavam tons rubros às minhas bochechas
tão avermelhadas quanto as suas bochechas salgando o
[pôr do sol

nas areias limpas de barcelona
falávamos do tempo perdido?
ilusões perdidas e grandes esperanças?
nossas palavras foram engolidas
diariamente
durante anos

pelas ondas
chocando-se contra a solidez da memória
e só agora
(quantos anos depois?)
saímos deste bar enlaçando passados
(deveríamos ter saído daquela praia enlaçando o presente)
caminhamos ao endereço que ignoro
a alguns quarteirões no centro histórico
onde você me servirá
um chá dançante
do seu tempero catalão



a vida íntima das joias

a piscina aos domingos
as tardes de equitação
as rodadas de gin
nada disso é ruim
claro que não
esta rotina burguesa
compulsivos risos histéricos
a vida íntima das joias
o sobe e desce do dólar
as detalhadas discussões dos sapatos
vestidos com estranhos nomes estrangeiros
o fogo da infidelidade de não sei qual atriz
são pregos que posso suportar
se não te irritarem é claro
porque ceifam quem quer que seja com sangue
as foices nascidas dos meus lábios



fotografia no fundo do baú

as últimas lambidas do sol
arrancam sangue das montanhas
ao longe
algumas casas com jardins
árvores
dois ou três bois à esquerda
uma pipa amarela à direita lutando para não tombar
um trago da antiga olaria tingindo horizontalmente o alto
[do céu

(quem via ali
o tempo se despedindo
apressado do que fomos?)
limpo as lentes dos óculos na manga da camisa
(qual era mesmo o nome da cidade?)
forço a vista um pouco mais
amaldiçoo o tique-taque do relógio desta casa
(não havia um relógio com o mesmo tique-taque naquela
[casa?]

em vão sem sair do lugar procuro uma moldura vazia
encaro-a novamente
remexo-a de um lado para o outro
como se as respostas pudessem chover de um pedaço de
[papel

havia tristeza?
havia melancolia?
no sorriso que você oferece
(meio a contragosto?)
a meu pedido
de mãos trêmulas
na foto
para sempre
desfocada



promessas

não faço promessas
porque já não há o que ser prometido
não tenho fé
não tenho dinheiro
não tenho mulher

mas nem sempre foi assim
houve um tempo
(há muito tempo)
em que me dei ao luxo de prometer coisas
(estes malditos hábitos involuntários)

prometi abraços a meus inimigos
montanhas mineiras para meu irmão
uma temporada de cinco a oito anos em são paulo para
[meus pais
(parece pouco?)
então você não desconfia o que é prometer algo)

a promessa tem o peso de um vagão
carregado de sangue e desejo
prestes a descarrilar na próxima curva

a promessa tem cheiro de virgem
quando ri sozinha à noite
saltando raízes e galhos no frio da floresta

numa rodoviária ensolarada do interior
certa vez encontrei uma promessa
a plantação de milho farfalhando em seus olhos
sol e lua se eclipsando sorrateiramente em sua língua

em nenhum momento me revelou de onde vinha
nem eu confessei meus tantos itinerários
nós nunca nos entendemos
e nunca nos esbarramos novamente
(não que eu saiba)
para todos os efeitos
somos apenas dois estranhos

as promessas não cabem nos muros pichados dos
[últimos protestos
as promessas não seguem as hierarquias das árvores
[genealógicas
as promessas
(descobri urrando de dor)
não são à prova de sal

arrependo-me dessas promessas de carvão
(elas ainda arderiam se eu nada houvesse prometido?)
amontoadas umas sobre as outras
nas cinzas deste infrutífero jardim



tenho dez vidas

desconhecidos choram sobre meu corpo
tossindo velas e crisântemos
apertam meus braços
refugiados murchos num terno cinza
sussurram histórias nos meus ouvidos
segredos suspiros gemidos
estendem dedos sobre minha testa
benzem-me com sinal da cruz
uma duas três incontáveis vezes
ninguém se lembra
(ou esquecem de propósito)
que sempre fui ateu

meus inimigos
apressadamente
disputam entre si
quem carregará meus ossos
no caixão de madeira marrom
fincam suas unhas
de raiva e rancor
como um último golpe
que eu inerte
não posso revidar

uma pomba em rasante pouso no indicador erguido do
[anjo de mármore
algun morto sem epitáfio do século passado esquecido
[na tumba da frente
riem a pomba e o morto meu vizinho
já me esperam para o próximo enterro
tenho dez vidas
mas já morri sessenta e nove vezes



na poltrona

luz lateral da pequena luminária
a próxima chuva molhando meu braço nas sílabas do vento
na parede branca o pôster da pintura negra
o cão do goya não arma o bote
para a formiga que o encara do teto?
veludo macio marrom que me envolve os frágeis ossos
feito as coxas das moças de dezoito anos sob o sol do sul
trezentos anos caem do meu colo
sem decepar nem espatifar os corpos
milagrosamente
do batalhão de formigas carregando
(há quantas horas?)
pedaços amanhecidos do bolo de laranja
junto-me aos sedentos por açúcar
sou rápido corto filas
sem jamais despertar a ira
ignoram-me solenemente os soldados
focados obstinados
devem por isso morrer
não haverá escapatória
morrem sem gritos
morrem sem gemidos
não de uma forma heroica
porque noto que se debatem
atabalhoados
sou um assassino metódico
faço com que agonizem
de levinho e aos poucos pressionando
o desespero dos membros tremelicanos
antenas pernas patas
até que em desespero perdem a rota do açúcar

as buzinas estridentes lá em baixo
carretas caminhões treminhões
bem que poderiam traduzir este surdo massacre
meses depois poderiam me acusar no tribunal
[internacional diante de testemunhas
sobreviventes da desgraça coletiva
cnicamente eu só sorriria
a verdade é que já não me importo
concluo nesta janela em que me debruço e
d
e
s
p
e
n
c
o



antes

beethoven
rabiscava
reescrevia
compulsivamente
rasurando à imortalidade suas melodias

mozart
escrevia
milagrosamente
sem correções nem edições
os acordes que ouvimos praticamente pingaram pela
[primeira vez no papel]

stravinski
perambulava com uma caneta de cinco pontas
escrevia onde bem quisesse
depois claro de desenhar o pentagrama
no rascunho que encontrasse pelo caminho
(não recorda se ele rasurava pouco ou muito)

relembrar os mestres interrompe a escrita
com ou sem rasuras
deverá finalizar esta carta
antes de saltar?



instruções

primeiro a missa solene do beethoven
depois o prelúdio e fuga em dó menor do bach
depois o réquiem de durante
depois a abertura de rienzi do wagner
depois o réquiem do mozart
depois a toska do puccini
depois o réquiem do jommeli
depois a bachiana número 4 do villa-lobos
depois o réquiem do cherubini
depois podem me jogar em qualquer terra
ou me incinerar
o que ficar mais em conta



Vencedor
na categoria
POESIA

